

Os jogos do reverso

José Cardoso Pires

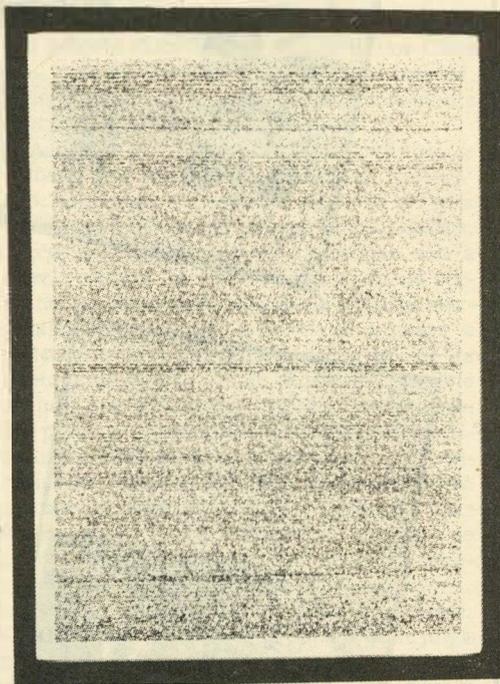
«... entre passes, licenças e voltas...»

prof. Egas Moniz, *História das Cartas de Jogar*

Antonio Tabucchi e os contos de *Il Gioco del Rovescio*, a verdade difícil pelo lado do reverso, resumo eu de mim para mim. Ou pelo transverso e pelo anverso. Pelo verso; pelo reverso, outra vez.

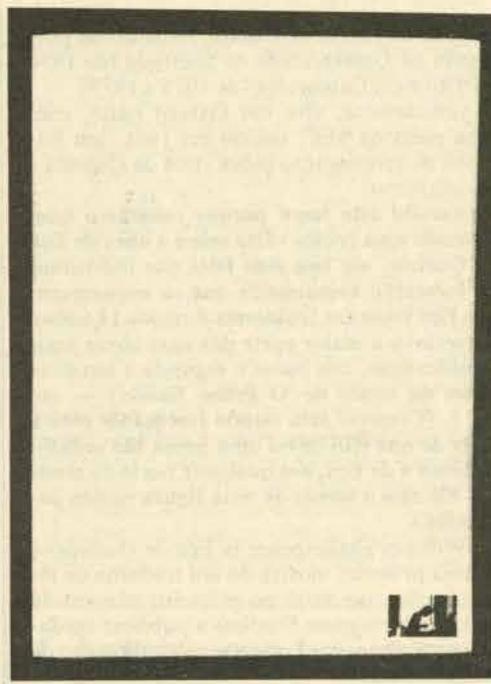
Sim, mas esta voz tão singular e tão trabalhada por séculos de livros e viagens basta lê-la uma vez para ficar a perdurar dentro de nós. É uma voz de sonho, assim nos chegou e assim se guarda. Corrente e luminosa como a dos sonhos e com uma intimidade repassada de melancolia. Ou não? Seja como for, no crepitar de mundo e de tragédias à nossa volta abre-se esta clareira que é o livro que as conta, e eleva-se a voz que o ditou: suspende-se, fica a prumo, muito serena. Reparo então que é minuciosa, muito fiel (é assim a voz dos sonhos, é assim) e, cá está, sempre que se escuta descobre-se que a sua ordenação é outra e que descreve pela leitura contrária do imediato, ou seja, pelo reverso.

Um exemplo: no último livro de Tabucchi, *A Dama de Porto Pim*, «uma baleia vê os homens» (título de capítulo) mas o que ela nos reflecte é o próprio olhar do autor sobre as baleias, essa metáfora da bondade e da onipotência; logo depois, por reverso, vem-nos a leitura que lhe está por dentro, o olhar grato de Jonas, seu hóspede do coração; depois ainda, mudando de lado, virando uma vez mais, retornamos ao ponto inicial, julgamos nós — mas não, a imagem é outra já, e vem-nos em dimensão mesquinha dos humanos, miséria, voracidade, sangreira cega, depradação.



«O herói de Tabucchi é sempre alguém em estação de circunstância»

Paremos por aqui. Não vou lembrar Melville, como parece ser elogio obrigatório dos italianos ao comentarem certos passos de Tabucchi, basta-me ter lido aqui há anos um excelente ensaio de Salvato Telles de Menezes sobre Melville para não incorrer em associações tão tentadoras como essa. Nem nomeio Conrad, outro citado. Deixemos o Conrad aos mares e o Melville às baleias, já que foi para aí que os remeteram os implacáveis ventos da glória. E antes que se faça escuro mudo de rumo, deixo-os a esses e a não sei quantos mestres viajantes que Tabucchi navegou, capitão Joshua e honorável Livingston, honorável



Stanley e temerário Hemingway, todos esses, todos esses e mais alguns, desde o magnífico Mendes Pinto, certamente, até um globe trotter de boudoir como Pierre Loti. Deixo-os, são meridianos distantes, outras águas. Para mim o que conta nas rotas literárias de Tabucchi é que ele, dispersando os seus personagens por horizontes universais, os concentrou em dimensão fechada como pequenos mundos em si mesmos que se alimentam de memória e distância. Daí o subtilíssimo fio de ironia que os marca, a sua ternura magoada, tantas vezes: eles são, acho eu, unidades latentes a pulsar na sua e na solidão do infinito.

Suspensão no tempo e na distância

Agora apercebo-me melhor daquela suspensão no tempo e na distância em que se situa a maior parte de *Il Gioco del Rovescio*. Vem de Viagem, sentimento de viagem. E de sonho. Viagem e sonho são duas componentes estreitamente associadas no percurso solitário, e o herói de Tabucchi mesmo que entre quatro paredes, é sempre alguém em estação de circunstância, alguém voltado para um farol que lhe acena de longe ou alguém a congegnar un voyage en Afrique e «paraísos celestes» de emergência. Desta maneira, isolados a sós ou em companhia, os heróis que aqui leio aparecem-me povoados de sinais e andamentos, do latejar de comboios de infância e das luzes de portos nocturnos. Áfricas, recordo-me também; e mercados, mares de prata, singapuras — tanta geografia íntima, tanta. Tantas fulgurações em cada estória. Reparem: todas elas estão escritas na primeira pessoa, que é a língua dos viajantes.

Mas — continuo eu — viajar é uma solidão em trânsito, uma solidão que se prolonga em memória. Tenho-a agora bem à vista, está nestas páginas, insinuada ou aberta de muitas maneiras, desde a solidão teatral dum declamador de Shakespeare nos confins de Moçambique à duma criança à margem da linha férrea que leva às grandes cidades, uma criança parada mas sempre em viagem, sempre em viagem, e vista de longe, muito longe, do longe quase à margem da morte, e com os olhos numa palmeira de infância chamada (e assinada) Josefina. E de conto em conto, estação em estação, metemos pelos últimos continentes que são os sonhados por outros solitários: Pessoa a desdobrar-se em vários perfis, Francis Scott Fitzgerald e o seu bando de desesperados a viverem literatura pela Riviera da doce vida.